

**REVISTA**  
**BATISTA**  
**PIONEIRA**

*Bíblia* ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 14  
Número 2  
Dezembro 2025

## **UMA MENSAGEM DE CONFIANÇA NA JUSTIÇA DIVINA EM TEMPOS DE APARENTE IMPUNIDADE A PARTIR DO SALMO DE HABACUQUE**

*A message of trust in divine justice in a time of apparent impunity from the psalm of Habakkuk*

*Me. Cléber Mateus de Moraes Ribas<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

A impunidade no Brasil é algo que tem causado muitas discussões e perguntas. Muitos cristãos questionam-se acerca da aparente inação de Deus diante dessa realidade. Há no Antigo Testamento um livro com questionamentos semelhantes e uma possível resposta, bem como uma lição sobre como o cristão pode se portar diante dessa situação: o livro do profeta Habacuque. Por isso, no presente artigo buscou-se apontar quais seriam as aplicações do livro de Habacuque (mais precisamente, do salmo presente no capítulo 3) para os cristãos brasileiros, visto que a realidade atual é de aparente impunidade assim como nos tempos do profeta. Para isto, foi apresentado um estudo bibliográfico e hermenêutico apontando algumas questões contextuais concernentes ao texto. A pesquisa se deu predominantemente em comentários bíblicos e introduções ao Antigo Testamento. Concluiu-se que o texto de Habacuque, em especial o salmo presente no capítulo 3, demonstra que aqueles que pertencem ao povo de Deus podem firmar a sua fé nas obras divinas do passado e nas promessas de ação futura. Esta fé, portanto, não é uma forma de fideísmo, mas se baseia nos feitos divinos e em suas promessas como resposta aos questionamentos acerca de sua aparente inação diante do que as pessoas veem como impunidade.

**Palavras-chave:** Habacuque. Injustiça. Impunidade.

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Especialista em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [cleber@batistapioneira.edu.br](mailto:cleber@batistapioneira.edu.br)

## ABSTRACT

Impunity in Brazil is something that has caused many discussions and questions. Many cristãos questionam-is about the apparent inação de Deus before the reality. There is in the Old Testament a book with similar questions and a possible answer, as well as a lesson on how the Christian could behave in this situation: the book of the prophet Habakkuk. For this reason, I do not present an article that seeks to point out what would be the applications of the Habakkuk book (more precisely, of the present psalm in chapter 3) for the Brazilian Christians, given that the current reality is one of apparent impunity as well as the times of the prophet. For this, a bibliographical and hermeneutic study was presented, pointing out some contextual questions concerning the text. The research is due predominantly to biblical commentaries and introductions to the Old Testament. It is concluded that the text of Habakkuk, especially the present psalm in chapter 3, demonstrates that those who belong to God's power can sign their faith in the divine works of the past and in the promises of future action. This faith, therefore, is not a form of fideism, but is based on divine faiths and on their promises as an answer to questions about their apparent inaction before what people see as impunity.

**Keywords:** Habakkuk. Injustice. Impunity.

## INTRODUÇÃO

A população brasileira, em geral, possui uma nítida sensação de impunidade, perceptível de diversas formas. Ela suscita muitas discussões e questionamentos. Um destes é dirigido aos cristãos: “Por que Deus não faz nada diante da impunidade e da injustiça?” Diversos cristãos também se questionam acerca disso. Se buscarem respostas no texto bíblico, vão perceber que muitos dos escritos proféticos presentes no Antigo Testamento contêm duras críticas às injustiças cometidas, em especial pelos líderes do povo de Deus. No entanto, no livro de Habacuque há algo diferente: nele o profeta não se dirige aos líderes para falar sobre injustiça e impunidade, mas ao Senhor, questionando-o acerca de sua aparente inação.

Diante disso, pode-se questionar quais seriam as aplicações para os cristãos hoje a partir do livro do profeta Habacuque, em especial da oração presente no capítulo 3, visto que a sensação de impunidade no Brasil pode se assemelhar à realidade que o profeta vivia. Para tal, o artigo consiste em uma pesquisa predominantemente bibliográfica com estudo hermenêutico do texto bíblico. Assim sendo, serão apresentadas questões contextuais acerca do livro, uma breve análise do capítulo 3 e, por fim, apontamentos de aplicações do texto bíblico para a contemporaneidade.

## 1. O CONTEXTO DA PROFECIA DE HABACUQUE: INJUSTIÇA, IMPIEDADE E APARENTE IMPUNIDADE

A profecia de Habacuque ocorre em um período muito difícil para a nação judaica - um tempo de crise visto que se aproximava o exílio babilônico. Coelho Filho aponta que no livro de Habacuque a iminente invasão de Judá se daria por um povo conhecido pelo seu poder e sua força militar: os babilônios.<sup>2</sup>

Conforme Gusso e Lasor, há muitas propostas quanto ao tempo de atuação do profeta, variando entre os anos 700 e 300 a.C.<sup>3</sup> No entanto, a datação mais aceita se encontra no séc. VII a.C. Hill e Walton sugerem o período entre 640 e 626 a.C. e tem a data de 630 a.C. como a melhor estimativa.<sup>4</sup> Já Gusso afirma que Habacuque atuou entre os anos 625 e 598 a.C., quando ocorre o início da expansão do Império

<sup>2</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 17.

<sup>3</sup> GUSSO, 2017, p. 101-102; LASOR, 1999, p. 349.

<sup>4</sup> HILL; WALTON, 2007, p. 573.

Neobabilônico, pouco tempo antes de Judá ser invadida e grande parte de sua população ser deportada para a Babilônia.<sup>5</sup> Outros autores, como Sayão, Coelho Filho, Lasor e Dillard e Longman III concordam com a data posterior a 625 a.C.

Sayão afirma que Habacuque redigiu o texto entre 609 e 597 a.C.<sup>6</sup> Coelho Filho aponta que se pode presumir a data da atuação de Habacuque entre 607 e 606 a.C.<sup>7</sup> No entanto, segundo Lasor, os relatos dos feitos militares dos caldeus no texto do profeta podem indicar que se trate de uma data após o ano de 605 a.C., época em que ocorreu a batalha de Carquêmis, quando os babilônios derrotaram os egípcios.<sup>8</sup> Para Dillard e Longman III, o texto pode ser datado entre os anos 625 e 604 a.C., devido à menção às muitas conquistas babilônicas presentes no capítulo 2 e à referência à ascensão deste Império. Ainda segundo eles, da mesma forma é possível afirmar que o profeta foi contemporâneo de Sofonias, Naum, Jeremias e, talvez, também de Joel.<sup>9</sup>

Quanto à contemporaneidade em relação aos outros profetas, além da supracitada afirmação, Lopes e Coelho Filho apontam que Habacuque é contemporâneo de Jeremias.<sup>10</sup> O segundo autor cita também que ele viveu no mesmo período de Sofonias.<sup>11</sup> Para Gusso e Lasor o profeta atua na mesma época de Sofonias e de Naum. Desta forma, no presente artigo optar-se-á pelo entendimento de que a atuação profética de Habacuque se deu, muito provavelmente, na mesma época dos profetas Jeremias, Sofonias e Naum, entre os anos 605 e 604 a.C.<sup>12</sup>

Este período foi bastante complicado para a nação de Judá. Sayão afirma que, além da ascensão da Babilônia, naquela época o povo já havia deixado de lado as reformas efetuadas pelo rei Josias. Havia muita maldade, opressão, injustiça e violência em Judá. O povo estava distante de Iavé. A injustiça e a impiedade imperavam na nação que deveria manifestar o reto e justo Deus.<sup>13</sup>

Conforme Lopes, o profeta viu uma situação incontrolável devido à corrupção do povo em diversas áreas: os ímpios tiravam vantagem dos justos, que eram tripudiados.<sup>14</sup> Por isso, Habacuque questiona o Senhor sobre os motivos de sua permissão em relação a esta situação. Ou seja, ao contrário dos outros profetas de seu tempo, ele não se queixa do pecado do povo, mas da aparente falta de ação da parte de Deus.<sup>15</sup> Segundo Lopes, ele não fala ao povo que se arrependa, mas questiona Deus acerca de sua inatividade diante de tamanha impiedade. Para o profeta não era motivo de espanto o pecado entranhado na nação, mas o silêncio e a falta de ação da parte de Deus diante da maldade e da injustiça.<sup>16</sup>

Além disso, causou ainda mais confusão na mente do profeta o fato de que Deus agiria por meio dos babilônios. Conforme Lasor, o problema para ele não era a presença ou não do poder soberano de Deus sobre aquela nação, e sim a sua ação por meio desta para castigar Judá, visto que era ainda mais injusta.<sup>17</sup> Sobre essas duas questões, Lopes aponta que eram conflitos vividos pelo profeta. Segundo ele, as orações de Habacuque não haviam sido respondidas rapidamente e quando ele obteve as respostas elas o deixaram mais alarmado que antes, pois o Senhor lhe dissera que os sanguinários e truculentos babilônios viriam em

<sup>5</sup> GUSSO, 2017, p. 101-102.

<sup>6</sup> SAYÃO, 2008, p. 359.

<sup>7</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 17.

<sup>8</sup> LASOR, 1999, p. 349.

<sup>9</sup> DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 393.

<sup>10</sup> LOPES, 2007, p. 15; COELHO FILHO, 1992, p. 17.

<sup>11</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 17.

<sup>12</sup> GUSSO, 2017, p. 101; LASOR, 1999, p. 349.

<sup>13</sup> SAYÃO, 2008, p. 359.

<sup>14</sup> LOPES, 2007, p. 22.

<sup>15</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 17-18.

<sup>16</sup> LOPES, 2007, p. 17-18.

<sup>17</sup> LASOR, 1999, p. 351.

obediência ao chamado divino para atacar Judá.<sup>18</sup>

Conforme Lasor, mesmo o profeta estando consciente da situação caótica e cheia de impiedade de Judá, para Habacuque esta era incomparável com a maldade dos babilônios. Ainda segundo ele, era *essa* situação que causava tremores ao profeta.<sup>19</sup> Hill e Walton também enfatizam que a questão de Habacuque era sobre como Deus, que é justo, poderia usar a terrível Babilônia como meio para punir o seu povo. Segundo estes autores, ele não colocava em dúvida a culpa dos judeus e sim uma possível aprovação divina das ações babilônicas, visto que Ele faria aquele povo vencer Judá.<sup>20</sup>

Por causa destas queixas do profeta, muitos comparam-nas às de Jó.<sup>21</sup> No entanto, ao contrário dele, Habacuque recebe uma resposta do Senhor para o seu questionamento. Esta culmina naquela que pode ser a afirmação-chave do livro: o justo viverá pela fé (2.4). O povo judeu que se mantivesse fiel, vivendo pela fé, seria restaurado, enquanto que a ímpia Babilônia cairia para nunca mais se levantar.<sup>22</sup> Justamente por ter recebido esta resposta é que o profeta faz uma das orações mais belas do Antigo Testamento, presente no capítulo 3.

## **2. O SALMO DE HABACUQUE: CONFIANÇA NA FUTURA MANIFESTAÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA**

Diante da resposta do Senhor às suas queixas, Habacuque faz uma oração trazendo à memória os feitos divinos - o que lhe fortalece diante de sua realidade atual e do iminente sofrimento com o ataque babilônico. Segundo Lopes, o profeta vai do desespero e do temor à fé e à esperança.<sup>23</sup> Ou seja, após as exortações e promessas registradas nos dois primeiros capítulos, ele conclui seu livro com louvor e oração em profunda confiança na ação daquele que já havia realizado feitos poderosos e gratiosos.<sup>24</sup>

Os primeiros capítulos apresentam um diálogo entre Deus e o profeta, isto é, suas queixas não deixam de ser orações direcionadas ao Senhor. Há, porém, claramente uma diferença entre as suas queixas dos primeiros capítulos e a oração confiante presente no capítulo três no que tange ao estilo.<sup>25</sup>

Conforme Gusso, alguns tendem a pensar que não há uma unidade entre esse e os capítulos iniciais justamente por conta do estilo, uma vez que o terceiro capítulo se trata de um salmo.<sup>26</sup> Segundo Baker, devido à forma do início e do fim do capítulo, é possível inferir que durante certo tempo ele tenha circulado em separado ao restante do texto do profeta. Assim, ainda segundo esse autor, há a atribuição da autoria a Habacuque ou ao menos aceita-se que haja certa relação deste com a preservação do salmo.<sup>27</sup>

Entretanto, para Gusso ainda que não se tenha uma unidade literária entre os três capítulos, é possível crer que eles são do mesmo autor.<sup>28</sup> Coelho Filho vai além e afirma categoricamente que o texto todo é de autoria de Habacuque e nele não há qualquer acréscimo feito por alguém além do profeta. Assim sendo, neste trabalho será considerado Habacuque como sendo o autor de todo o livro, inclusive do capítulo 3. Ou seja, ainda que haja uma clara mudança no estilo literário neste capítulo em relação aos demais, o autor é o mesmo: o profeta Habacuque.<sup>29</sup>

Quanto ao estilo, conforme apontado anteriormente, o trecho se trata de um salmo. Não há motivos

<sup>18</sup> LOPES, 2007, p. 21.

<sup>19</sup> LASOR, 1999, p. 351.

<sup>20</sup> HILL; WALTON, 2007, p. 575.

<sup>21</sup> DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

<sup>22</sup> LOPES, 2007, p. 21-22.

<sup>23</sup> LOPES, 2007, p. 137.

<sup>24</sup> FEINBERG, 1988, p. 218.

<sup>25</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 65.

<sup>26</sup> GUSSO, 2017, p. 102.

<sup>27</sup> BAKER, 2001, p. 351.

<sup>28</sup> GUSSO, 2017, p. 103.

<sup>29</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 68.

plausíveis para se duvidar disso. Gusso aponta que a palavra *selá* é particular dos salmos.<sup>30</sup> Baker concorda com isto e acrescenta que este termo aparece três vezes no capítulo, nos versículos 3, 9 e 13. Para este autor, ele pode ser uma orientação litúrgica ou musical, mas cujo significado é desconhecido.<sup>31</sup>

Gusso também aponta que a expressão *shigyônôt*<sup>32</sup> pode indicar um salmo de lamento.<sup>33</sup> Além disso, há a afirmação de que deveria ser acompanhado por um instrumento de corda sob a orientação de um mestre de música.<sup>34</sup> De acordo com Coelho Filho, *shigyônôt* “é o plural de *shiggâyôn*, que significa ‘cântico emotivo’”. Ele também diz que Habacuque 3 é muito semelhante ao salmo 7 em termos de estilo.<sup>35</sup> De acordo com Baker, *shigyônôt* é uma expressão rara, que é utilizada apenas em situações que denotam total dependência da fidelidade divina.<sup>36</sup>

Percebe-se então que não se trata apenas de uma oração, mas de uma canção de Habacuque. Um salmo com fins litúrgicos no que tange à adoração expressa em cântico, acompanhado de instrumentos de corda (possivelmente uma harpa), que deveria ser regido por um músico profissional, conforme também aparece em outros cinquenta e cinco salmos.<sup>37</sup> Feinberg é concordante com a ideia de se tratar de um cântico e acrescenta que a palavra *shigyônôt* também já foi traduzida como “à maneira de elegias (*sic*)”, “um cântico”, “um balanceio”, ou “um cântico triunfal”. Ainda segundo ele, este termo deriva de um verbo cujo significado é “errar” ou “perder o rumo” e pode denotar a ideia de um cântico triunfal ou entoado com grande excitação.<sup>38</sup> Ou seja, segundo Lopes, Habacuque termina o seu livro cantando, ainda que o tenha iniciado aos prantos.<sup>39</sup>

Mas esta canção triunfal de Habacuque não se baseou em uma mudança nas circunstâncias vividas pelo profeta e pelo povo, e sim em uma esperança na soberania de Deus, que prometera fazer justiça a seu tempo. Conforme Lopes, este cântico escrito por Habacuque aponta para o fato de que Deus é imutável.<sup>40</sup> Segundo ele, o que muda é o íntimo do profeta, a partir da lembrança acerca de quem Deus é e do que fizera no passado para o seu povo.<sup>41</sup> Assim, esta bela canção de Habacuque tem como conteúdo o passado e o futuro - mais ainda, a soberania divina sobre ambos os períodos.

Este hino de louvor, portanto, inicia-se com um olhar para o passado. Conforme Lopes, Habacuque procura nos feitos divinos de outrora as bases para sua confiança no tempo presente, por meio de um retorno à história da redenção do povo hebreu, a fim de buscar forças para enfrentar as crises vividas pela nação.<sup>42</sup> Coelho Filho aponta que, nos versículos 3 a 15, o profeta faz uma descrição bastante semelhante às teofanias do êxodo. Ou seja, ele traz à memória aquele feito do Senhor que deveria estar sempre presente na mente dos israelitas, a saber, o livramento da escravidão no Egito (Dt 6).<sup>43</sup>

Lasor afirma que há um aparente olhar duplo do profeta: ora para o passado (Êxodo), ora para o futuro (o Dia do Senhor). No entanto, segundo esse autor, ainda assim há um anseio do profeta pela manifestação do poder divino diante da circunstância que estava vivendo e por isso ele ora por meio

<sup>30</sup> GUSSO, 2017, p. 106.

<sup>31</sup> BAKER, 2001, p. 351.

<sup>32</sup> As transliterações variam de acordo com os autores. Sendo assim, exceto em citações diretas, adotar-se-á a presente transliteração.

<sup>33</sup> GUSSO, 2017, p. 106.

<sup>34</sup> GUSSO, 2017, p. 106.

<sup>35</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 65.

<sup>36</sup> BAKER, 2001, p. 351.

<sup>37</sup> BAKER, 2001, p. 351.

<sup>38</sup> FEINBERG, 1988, p. 218.

<sup>39</sup> LOPES, 2007, p. 122.

<sup>40</sup> LOPES, 2007, p. 147.

<sup>41</sup> LOPES, 2007, p. 138.

<sup>42</sup> LOPES, 2007, p. 147.

<sup>43</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 71.

deste salmo.<sup>44</sup> O profeta usa técnicas literárias como a hipérbole, a ironia, a personificação e o símile para descrever as ações de Deus no Êxodo (passando pelo Sinai, pelas pragas, pela marcha no deserto, pela travessia do Mar Vermelho e do rio Jordão e pelo dia longo descrito em Josué). Desta forma, o terceiro capítulo faz uma contraposição ao primeiro.<sup>45</sup>

Coelho Filho afirma que o relato da manifestação divina descrito por Habacuque e que remete ao do Êxodo constitui-se de uma lembrança da fé de que Iavé era um Deus que age e se manifesta na história tal qual fez no Êxodo.<sup>46</sup> Feinberg também afirma que o profeta busca na memória acerca dos feitos divinos na ocasião do êxodo um motivo para confiar na ação futura do Senhor. Segundo ele, para o profeta era certo que Deus se manifestaria para livrar os que o temessem das mãos dos seus opressores, tal qual agiu quando da saída do povo hebreu do Egito. Da mesma forma, Deus julgaria a nação inimiga de Judá - a Babilônia - assim como fizera com o Egito.<sup>47</sup>

Assim, o profeta inicia seu salmo pedindo, no versículo 2, que as ações de livramento da parte de Deus também sejam avivadas, isto é, ocorram novamente. Desta forma, tanto o Senhor quanto sua obra tornar-se-iam conhecidos mais uma vez.<sup>48</sup> A partir de então, dos versículos 3 a 15, Habacuque relata de forma belíssima as teofanias do êxodo.

Conforme Coelho Filho, esta descrição do profeta acerca do Senhor se erguendo para julgar é altamente poética.<sup>49</sup> De acordo com Dillard e Longman III, Habacuque aponta o poder de Deus a partir de sua ação soberana sobre a natureza, agitando os céus e a terra e dominando sobre as águas caóticas. Ele aparece como um Guerreiro Divino com armas que usará para julgar as nações como já fizera no êxodo.<sup>50</sup>

Percebe-se também que dos versículos 3 a 7 Habacuque discorre acerca dos feitos de Deus e dos versículos 8 a 15 ele fala diretamente com o Senhor sobre o mesmo assunto.<sup>51</sup> Primeiramente, o profeta aponta que o Senhor vem de Temã e do monte Parã (v. 3). Este destaque é importante, visto que ambas são localidades edomitas e estão ligadas com a ação do Senhor na saída do povo hebreu do Egito e na conquista de Canã.<sup>52</sup> A seguir, o Senhor avança acompanhado por pragas e doenças terríveis, o que estava também associado ao relato do êxodo e ao encontro do povo com Deus no monte Sinai.<sup>53</sup>

Nos versículos 8 a 15 é dito que o Guerreiro Divino, Iavé, causa temor e tremores pelo seu próprio ser e por suas ações.<sup>54</sup> Lopes afirma que, entre os versículos 8 a 11, a poesia de Habacuque tem como cenário a natureza e entre os versículos 12 a 15 o cenário é a História.<sup>55</sup> No entanto, algumas figuras se repetem em ambos os trechos. Por exemplo, no versículo 8 o profeta questiona se foi contra o mar que o Senhor cavalgou com seus cavalos e no versículo 15 ele afirma que Deus pisou o mar com seus cavalos. Outras figuras bélicas (como as flechas) e naturais (como as águas enfurecidas) aparecem ao longo dos versículos 8 a 15. Logo, parece não haver esta separação de cenários proposta por Lopes. É possível que seja mais plausível o relato da ação do Guerreiro Divino como uma unidade de pensamento dotada de figuras distintas (como as bélicas e as naturais) com recursos hiperbólicos e figurativos para ilustrar de forma poética esta ação.

No versículo 13, chama a atenção a expressão “ungido”. A quem ela se refere? Segundo Baker, ao povo

<sup>44</sup> LASOR, 1999, p. 353.

<sup>45</sup> LASOR, 1999, p. 353.

<sup>46</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 73-74.

<sup>47</sup> FEINBERG, 1988, p. 219.

<sup>48</sup> BAKER, 2001, p. 351-352.

<sup>49</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 73.

<sup>50</sup> DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

<sup>51</sup> BAKER, 2001, p. 355.

<sup>52</sup> BAKER, 2001, p. 353.

<sup>53</sup> BAKER, 2001, p. 354.

<sup>54</sup> BAKER, 2001, p. 355.

<sup>55</sup> LOPES, 2007, p. 150.

judeu, embora geralmente esta palavra seja usada em referência a uma pessoa. Ele aponta também que este versículo é chave para entender a relação do capítulo 3 com os anteriores. Para ele, esse salmo, bem como as teofanias presentes nele, apontam para o cuidado de Deus para com o povo e também para a certeza de seu juízo para os que oprimem seus escolhidos. Ou seja, as queixas feitas por Habacuque anteriormente são respondidas por meio da lembrança do constante cuidado de Deus, bem como de sua justiça. A resposta do Senhor ao questionamento do profeta era, portanto, que o seu povo seria salvo.<sup>56</sup>

Após o relato memorial dos feitos do Senhor quando da ocasião do êxodo, segundo Baker, no versículo 16 há novamente uma mudança em relação à pessoa que fala, de forma que se trata do próprio profeta falando na primeira pessoa sobre suas experiências pessoais.<sup>57</sup> Conforme Feinberg, percebe-se também que este versículo encerra um ciclo de pensamento iniciado no versículo 2. Ele afirma que há uma confiança e também um terror no coração do profeta, visto que ele está ciente do que virá, mas semelhantemente está em comunhão com Deus e certo de que o Senhor cumprirá suas promessas.<sup>58</sup>

Dillard e Longman III afirmam que houve uma resignação por parte do profeta, mas esta se deu de forma confiante nos feitos divinos do passado.<sup>59</sup> O profeta recebe respostas do Senhor às suas dúvidas e isto faz com que profira uma vigorosa declaração de fé.<sup>60</sup> O relacionamento de Habacuque com Iavé era deveras íntimo, de forma que ele é capaz de questionar ao Senhor, mas também de depositar sua fé nele com a certeza de que agirá com responsabilidade.<sup>61</sup>

Assim, diante da lembrança do que o Senhor fizera outrora, o profeta demonstra depositar sua confiança na vontade soberana de Deus. Segundo Coelho Filho, para o profeta não se tratava de algo que *poderia* acontecer e sim que era certo que ocorreria. Habacuque não tinha dúvida de que os babilônios iriam trazer grande sofrimento e destruição para Judá, mas ainda assim não perdeu sua fé.<sup>62</sup> Muitas coisas faltariam por causa da iminente desgraça, mas também não seria encontrado desespero e inconformismo em Habacuque; haveria fome por ocasião da guerra, mas também haveria fé no coração do profeta.<sup>63</sup> Sobre esta fé inabalável demonstrada por ele, Coelho Filho aponta que há beleza e força na declaração de fé de Habacuque. Ela foi feita em um momento de grande crise devido à fome, a qual era a verdadeira adversária dos povos do Oriente, bem como nos dias atuais.<sup>64</sup>

Portanto, a fé apresentada por Habacuque não ocorre diante de uma incerteza ou dúvida acerca do futuro. Há uma clara e manifesta certeza de que o pior cenário possível seria vivido muito em breve. Ainda assim, ele afirma que permaneceria exultando no Senhor apesar dos pesares. Ou seja, ele apresenta fé diante da certeza de um sofrimento iminente. Segundo Baker, o profeta entende que a sua subsistência não dependia, em última instância, da economia agrícola, mas do Senhor que é a fonte dos frutos da produção agrícola. Sua confiança não se dá em uma possível fraqueza dos opressores, mas no relacionamento de Deus com ele e com o seu povo.<sup>65</sup>

Aparentemente, o povo dependia das lavouras e dos rebanhos para a sua sobrevivência. No entanto, conforme Lopes, Habacuque compreende que a dependência não vinha destas fontes, mas da fonte de todas elas, isto é, o Deus sustentador das lavouras e dos rebanhos. A sua confiança “não estava na provisão, mas no Provedor. Os recursos da terra podem falhar, mas Deus jamais falhará.”<sup>66</sup>

<sup>56</sup> BAKER, 2001, p. 358.

<sup>57</sup> BAKER, 2001, p. 359.

<sup>58</sup> FEINBERG, 1988, p. 222.

<sup>59</sup> DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

<sup>60</sup> BAKER, 2001, p. 359-360.

<sup>61</sup> BAKER, 2001, p. 360.

<sup>62</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 86.

<sup>63</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 86.

<sup>64</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 85-86.

<sup>65</sup> BAKER, 2001, p. 360-361.

<sup>66</sup> LOPES, 2007, p. 152.



Assim, o salmo de Habacuque encerra-se com uma total afirmação de fé.<sup>67</sup> Coelho Filho demonstra que em seu salmo Habacuque exulta em confiança ao cumprimento das promessas do Senhor, embora tenha iniciado o livro com dúvidas acerca da capacidade divina em governar o mundo. Para esse autor, assim como ocorreu com o profeta, as crises dos cristãos se dão por ocasião de sua compreensão distorcida de Deus e, por isso, é preciso crer em Iavé e conhecê-lo.<sup>68</sup>

Por fim, o profeta não apenas demonstra confiar no Senhor, mas também alegrar-se nele. Ele não iria somente depositar sua fé no Senhor mesmo em meio ao sofrimento, mas sentiria-se alegre. O Senhor era para ele um motivo de júbilo ultracircunstancial.<sup>69</sup> Conforme este mesmo autor, Habacuque finda o seu livro com uma exclamação de alegria e exultação no Senhor. Ainda segundo Lopes, a fé leva o cristão da dúvida e angústia à presença do Senhor que tudo governa e, por isso, crer é também um ato de exultação.<sup>70</sup>

### **3. A CONTEMPORANEIDADE DO SALMO DE HABACUQUE: CONFIANÇA E FIDELIDADE MESMO EM MEIO À APARENTE IMPUNIDADE**

O livro de Habacuque como um todo tem uma mensagem deveras oportuna para os tempos atuais, em especial para os cristãos brasileiros. Coelho Filho (1992, p. 18) afirma que a mensagem deste profeta é totalmente atual, pois, segundo ele, as dúvidas de Habacuque são bastante semelhantes às de um jovem estudante universitário ou de um intelectual que é também um questionador. Gusso também afirma que a falta de compreensão da aparente inação de Deus por parte do profeta é perceptível em muitas pessoas na atualidade.<sup>71</sup>

Embora seja preciso guardar as devidas proporções e estar ciente de que se tratam de contextos históricos diferentes, é muito fácil traçar um paralelo entre a realidade de Habacuque e a dos cristãos brasileiros da atualidade. Assim como o povo de Judá, a nação brasileira padece de uma impunidade quase que institucionalizada. E quando se olha para possíveis soluções para superar esta dura realidade, não parece ser possível encontrá-las.

Conforme um levantamento do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), cerca de 32% dos casos julgados no Brasil entre os anos de 2015 a 2018, em especial de homicídios, terminaram sem um veredicto após terem tramitado por oito anos e meio, em média (MONTENEGRO, 2021, On-line). No mesmo período, “14% de todos os crimes levados a júri popular no Brasil prescreveram” (MONTENEGRO, 2021, On-line). Entre 2014 e 2018, ocorreram 305 mil assassinatos no Brasil, mas apenas 136 mil ações penais foram iniciadas no mesmo intervalo de tempo (MONTENEGRO, 2021, On-line). Ao final de 2018, havia julgamentos de homicídios culposos que tramitavam há seis anos e meio, sem contar o tempo decorrido entre o crime e a data de início do julgamento (MONTENEGRO, 2021, On-line).

De acordo com Montenegro (2021, On-line), a impunidade ocorre, principalmente, devido à demora para que o crime seja julgado. Por exemplo, há grandes chances de um homicida não pagar pelo crime cometido ainda que venha a ser levado a júri popular. Ele aponta ainda que dentre aquelas 136 mil ações penais supracitadas, apenas 48% delas resultam em condenação, 32% nas chamadas “extinções de punibilidade” e o restante em absolvição.<sup>72</sup>

Já foi demonstrado neste trabalho que Habacuque estava diante de um tempo de grande injustiça. No entanto, é muito pertinente apontar aqui o que fala Feinberg acerca daquele tempo a fim de uma comparação com os apontamentos de Montenegro, acima citado:

<sup>67</sup> LOPES, 2007, p. 151.

<sup>68</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 77.

<sup>69</sup> LOPES, 2007, p. 153.

<sup>70</sup> LOPES, 2007, p. 155.

<sup>71</sup> GUSSO, 2017, p. 102.

<sup>72</sup> MONTENEGRO, 2021, on-line.

A Lei era afrouxada (literalmente, congelada), tornada inefetiva, paralisada. Chegou a ser considerada como não tendo força ou autoridade. Por força de juízes injustos, a Lei era desprezada. Visto que as formas de julgamento estavam corrompidas, tanto a vida como a propriedade não tinham segurança. A justiça não podia prevalecer porque os maus sabiam como cercar o justo por todos os lados, de sorte que não pudesse receber o que lhe era devido. O erro judicial era a ordem do dia. Mediante processos fraudulentos, os ímpios enganavam o justo, pervertendo todo direito e toda a honestidade. Considerando que Deus não punia o pecado de imediato, os homens pensavam que poderiam continuar nele impunemente.<sup>73</sup>

Não à toa, Lopes e Coelho Filho traçam um paralelo entre o livro de Habacuque e a atual realidade brasileira. Conforme Lopes, há uma grande semelhança entre os temas tratados pelo profeta e as manchetes dos jornais da atualidade, de forma que é como se sua voz permanecesse audível ainda hoje.<sup>74</sup> Por isso, para Coelho Filho, o texto do profeta pode auxiliar os cristãos brasileiros da atualidade devido a essa aparente impunidade, bem como ao fato de a corrupção ter sido institucionalizada.<sup>75</sup> Conforme Lopes, o livro - e em especial o salmo - do profeta Habacuque pode ensiná-los a fazer a transição da dúvida para a fé.<sup>76</sup> Esta fé não consiste em uma forma de fugir da dura realidade que se apresenta, mas uma maneira correta de enfrentá-la.<sup>77</sup>

Segundo Coelho Filho, é comum que pessoas honestamente questionadoras expressem confiança até mais do que outras que nunca manifestaram qualquer dúvida.<sup>78</sup> Por isso, segundo Lopes, a fé pode emergir da dúvida e se ancorar em Iavé.<sup>79</sup> Baker aponta que esta mudança é claramente perceptível na vida do próprio profeta Habacuque, pois ele vai da dúvida quanto à ação justa de Deus até a confiança na provisão divina.<sup>80</sup> Há o ensino por parte dele de que a fé viva - e não um pensamento positivo - é a resposta correta à crise.<sup>81</sup>

Portanto, percebe-se que não há uma exortação negativa em relação às dúvidas de Habacuque. Pelo contrário, o Senhor responde ao profeta e é justamente nesta resposta que ele firma sua fé mediante a recordação dos feitos divinos do passado. Conforme Coelho Filho, em Habacuque encontra-se a lição de que a razão não é anulada pela fé, mas esclarecida por meio dela. A ideia de que “questionar é pecado” é pagã e não bíblica. Segundo esse autor, Deus deseja que as pessoas usem a razão de forma adequada, levando suas dúvidas a Iavé confiantes de que ele pode compreendê-las e dirigir-lhes.<sup>82</sup>

As queixas, dúvidas e incertezas do profeta encontram respostas nos feitos divinos do passado e nas promessas para o futuro. Coelho Filho aponta que o fato de Habacuque trazer à memória os feitos divinos no passado é de suma importância para o profeta. Ainda segundo ele, é muito bom recordar acerca das bênçãos recebidas outrora, visto que é bastante comum que as pessoas esqueçam o que Deus fez por elas e se entreguem à aflição.<sup>83</sup> Conforme Feinberg, ainda que as bênçãos cessassem, o profeta confiaria no Senhor, visto que havia encontrado nele uma resposta para todos os seus problemas.<sup>84</sup> E isto serve de advertência para os tempos atuais. Lopes também aponta que a mudança na mente do profeta é produzida pelas obras divinas, isto é, a convicção acerca da ação soberana de Deus na vida de seu povo.<sup>85</sup>

Esta recordação dos feitos divinos no passado e a certeza do cumprimento de suas promessas no

<sup>73</sup> FEINBERG, 1988, p. 209.

<sup>74</sup> LOPES, 2007, p. 12.

<sup>75</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 13.

<sup>76</sup> LOPES, 2007, p. 16.

<sup>77</sup> LOPES, 2007, p. 139.

<sup>78</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 83.

<sup>79</sup> LOPES, 2007, p. 154.

<sup>80</sup> BAKER, 2001, p. 361.

<sup>81</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 86.

<sup>82</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 18.

<sup>83</sup> COELHO FILHO, 1992, p. 84.

<sup>84</sup> FEINBERG, 1988, p. 223.

<sup>85</sup> LOPES, 2007, p. 10.

futuro mostram-se de suma importância em tempos de sensação de impunidade. Ainda que enfrente esta realidade no presente, o cristão brasileiro pode trazer à memória os feitos divinos, a obra redentora de Cristo e as promessas bíblicas do justo julgamento divino sobre toda a humanidade (1Pe 4.5; 2Tm 4.1). Ele pode confiar mesmo em meio à injustiça e à impunidade, pois é sabedor de que Deus é o Senhor da História. Sobre isso, Lopes afirma que os cristãos podem e devem voltar-se para a Bíblia, a fim de lembrarem que Iavé ainda reina sobre a História e sobre todos os governantes ao longo dela.<sup>86</sup>

Por fim, cabe apontar três destaques em relação ao texto oferecidos por Lopes, a saber: 1) “quando tudo parece perdido, com Deus ainda não está perdido”; 2) “quando chegamos no final dos nossos recursos, os recursos de Deus ainda estão disponíveis” e 3) “quando a crise nos encurrala, precisamos olhar para o alto”.<sup>87</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presente artigo mostrou que os filhos de Deus podem manter-se firmes no Senhor mesmo em tempos de crise e de aparente impunidade. Isto foi visto em especial no salmo presente no capítulo 3 de Habacuque. No entanto, vale frisar que a sensação de impunidade é apenas aparente porque é possível perceber tanto nas orações de Habacuque quanto em seu salmo que o Senhor não está alheio à injustiça. Ele há de julgar em seu tempo.

O profeta começa questionando a Deus acerca da impunidade que lhe era visível, mas termina certo de que a justiça divina ocorrerá. Ele deposita sua fé no Deus que é o justo juiz prestes a iniciar o julgamento. E esta fé não é uma forma de fideísmo, mas se baseia nos feitos divinos do passado e em suas promessas futuras como uma resposta aos questionamentos acerca da ação divina diante desta dura realidade. Dillard e Longman III resumem esta certeza por meio das seguintes palavras:

Paulo ensinava à igreja primitiva que Jesus chama os seus seguidores para uma vida de fé. Paulo invocou Habacuque 2.4 em seu argumento de que a justiça do primeiro ao último, para Abraão, Jó, Habacuque e para todos - se revela pela fé (Rm 1.17). Embora vivamos num mundo atual perverso (Gl 1.4), ‘o justo viverá pela fé’ (Gl 3.11). A fé é ‘a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem’ (Hb 11.1). Os antigos foram louvados por sua fé em Deus quando todas as circunstâncias conspiravam para afirmar que tal fé não seria recompensada (Hb 11.2-40). Nós também somos chamados àquela mesma vida de fé, porque Deus ainda virá como o Guerreiro Divino e justificará o seu nome (Ap 19.11-16).<sup>88</sup>

## REFERÊNCIAS

BAKER, David W. *et al.* **Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. Tradução de Robinson Malkomes *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2001. 410 p.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso contemporâneo - um estudo contextualizado do livro de Habacuque. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 99 p.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. 473 p.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Tradução de Luiz A. Caruso. Miami, EUA: Vida, 1988. 350 p.

GUSSO, Antonio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017. 184 p.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007. 684 p.

<sup>86</sup> LOPES, 2007, p. 138.

<sup>87</sup> LOPES, 2007, p. 138-139.

<sup>88</sup> DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 396.

LASOR, Willian Sanford *et al.* **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 851 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Habacuque**: como transformar o desespero em cântico de vitória. São Paulo: Hagnos, 2007. 157 p.

MONTENEGRO, Manuel Carlos. **Juízes do Tribunal do Júri correm contra o tempo e impunidade de assassinos**. Brasília: Agência CNJ de notícias, 2021. On-line. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/juizes-do-tribunal-do-juri-correm-contra-o-tempo-e-impunidade-de-assassinos/>. Acesso em: 07 set. 2022.

SAYÃO, Luiz. **Rota 66**: Antigo Testamento - manual de apoio do comentário bíblico falado. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008. 383 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com  
uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -  
4.0 Internacional